

Chico Otavio Vera Araújo

Mataram Marielle

**Como o assassinato de Marielle Franco e Anderson
Gomes escancarou o submundo do crime carioca**



Chico Otavio Vera Araújo

Mataram Marielle

Como o assassinato de Marielle Franco e Anderson
Gomes escancarou o submundo do crime carioca



Copyright © Chico Otavio e Vera Araújo 2020

PREPARAÇÃO

Kathia Ferreira

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Camilla Savoia

CHECAGEM

Rosana Agrella da Silveira

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Linoca Souza

CAPA E MIOLO

Túlio Cerquize

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

O96m

Otávio, Chico

Mataram Marielle / Chico Otávio, Vera Araújo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

206 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5560-038-4

1. Franco, Marielle, 1979-2018 - Assassinato. 2. Gomes, Anderson Pedro - Assassinato. 3. Reportagens investigativas. 4. Corrupção na política - Brasil. 5. Crime organizado. I. Araújo, Vera. II. Título.

20-66897

CDD: 070.449364

CDU: 070.44:340.62

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

05/10/2020

08/10/2020

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

1ª edição NOVEMBRO DE 2020

impressão BARTIRA

papel de miolo PÓLEN SOFT 80G/M²

papel de capa CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M²

tipografia UNIVERS E WARNOCK

Sumário

1. "Quem matou Marielle e Anderson?"	pág. 6
2. O jogo de xadrez no PSOL	pág. 28
3. As testemunhas que a polícia não viu	pág. 56
4. Uma delação sem prêmio	pág. 82
5. Escritório do Crime	pág. 110
6. O "Trinca-Ferro" e a pasta vermelha	pág. 138
7. Disputas, vaidades, mortes	pág. 172
<i>Epílogo: Marielle presente</i>	pág. 196
Créditos das imagens	pág. 208

1.

**“Quem matou Marielle
e Anderson?”**

“Uma rajada. Uma única rajada de um segundo. Os vidros explodindo e os estilhaços vindo num jato. Como se uma onda gigantesca de vidro tivesse se quebrado do meu lado. Me enrolei e abaixei num movimento imediato, como um caracol, junto às pernas da Marielle. Um silêncio absoluto, interrompido por um ‘ai’ do Anderson. Meu corpo queimava como se tivesse sido açoitado por mil chicotes de uma vez.”

ÚNICA SOBREVIVENTE DO ATENTADO, FERNANDA, ENTÃO CHEFE DE GABINETE DE MARIELLE FRANCO, LEMBRA O MOMENTO EM QUE A VEREADORA E SEU MOTORISTA, ANDERSON GOMES, FORAM ASSASSINADOS

Já em casa, durante o banho, a jornalista Fernanda Chaves passou os dedos trêmulos por entre os fios dos cabelos e constatou, horrorizada, que havia ali fragmentos de bala. Única sobrevivente da emboscada em que a vereadora Marielle Franco foi assassinada, juntamente com seu motorista, Anderson Gomes, Fernanda entrara no chuveiro com partes do corpo ainda manchadas pelo sangue da amiga, sua madrinha de casamento. Atônita, não parava de repetir:

Esse crime não faz sentido. Esse crime não faz sentido.

Na cabeça de Fernanda, chefe de gabinete da parlamentar, misturavam-se as cenas de terror que acabara de presenciar, entre as nove e as nove e meia da noite, no bairro do Estácio, Zona Central do Rio de Janeiro. A execução à queima-roupa da quinta vereadora mais votada no município nas eleições anteriores e a morte de Anderson, que dirigia o carro no qual os três estavam, provocariam uma indignação que correria o país e diversas partes do mundo na forma de uma pergunta simples, mas sem resposta: “Quem matou Marielle e Anderson?”

Ao acordar naquele 14 de março de 2018, uma quarta-feira, o último dia de sua vida, a socióloga Marielle Franco, 38 anos, deu um salto da cama. Vestiu uma roupa de ginástica e foi com a mulher, a arquiteta Monica Benicio, até a academia, a cerca de 500 metros de sua residência. Elas moravam numa rua arborizada da Tijuca, na Zona Norte, em uma casa de vila com três quartos, sala, cozinha e banheiro.

— Tivemos um momento só nosso naquele dia — lembra Monica. — Acordei de madrugada por causa de um pesadelo. Fiquei fritando na cama. Marielle acordou. Fizemos sexo. Voltamos a dormir e quase perdemos a hora. Seria um dia cheio.

As duas se separaram depois da malhação. Monica foi para a sua sessão de terapia e Marielle pegou o rumo da feira do bairro, na rua Visconde de Figueiredo, como fazia em todas as quartas. Com seus vestidos floridos, o porte elegante e um corpo talhado à base de exercícios quase diários, a carioca, negra e de sorriso largo, chamava a atenção de clientes e feirantes. Como, aliás, em qualquer ambiente em que aparecesse. A busca por frutas e legumes frescos tinha se intensificado e agora eles eram parte importante de sua dieta — além, é claro, da tapioca — desde que passara a sofrer com refluxos provenientes de uma hérnia de hiato.

— Ela parava num monte de barraca para provar as frutas. Demorava um tempão e eu não tinha paciência nenhuma. Marielle amava isso — conta Monica, que, por causa do horário da terapia, deixara de preparar as marmittas que as duas levavam para o trabalho.

E quem teve de ir para a cozinha naquele dia foi Marielle. Alimentos cozidos e pesados cuidadosamente, seguindo as instruções da nutricionista, e as marmittas estavam prontas. Após arrumar-se, a parlamentar entrou em seu Space Fox azul-escuro e dirigiu até o Palácio Pedro Ernesto, sede da Câmara Municipal, na praça Floriano, região histórica do Centro conhecida como Cinelândia. Filiada ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), uma legenda de esquerda, Marielle fora eleita com 46.502 votos válidos em outubro de 2016 para a legislatura 2017-2020. Ela se filiara ao partido em 2007, mas, por uma falha no sistema da Justiça Eleitoral, teve o registro cancelado quase três anos depois. Para ter sua ficha inserida no sistema e poder candidatar-se, foi necessário recorrer a uma ordem judicial.

Naquela manhã, Marielle e Monica combinaram que se encontrariam mais tarde, no próprio gabinete da parlamentar, quando a arquiteta tentaria concluir um projeto iniciado havia algum tempo no local. Entrando em sua sala na Câmara, a de número 903, Marielle deu início a uma série de reuniões. Com a chegada de Monica, por volta de uma da tarde, elas almoçaram ali na sala mesmo, perfumada por incenso de pau-santo, usado em rituais indígenas

para eliminar energias negativas. Monica se comprometera a encontrar uma solução arquitetônica para a instalação tanto de um painel de comunicação no gabinete da companheira quanto de alguns nichos na parede, à guisa de prateleiras, para os objetos da “mandata” — no feminino, como a vereadora costumava se referir ao seu mandato. Marielle era obcecada por organização. Seu local de trabalho era repleto de advertências para os visitantes. Na “copinha” do café, por exemplo, havia o tradicional “Manter a louça limpa”.

— Na verdade, sempre fui mais chata do que ela nisso — lembra Monica, brincando, mas com os olhos marejados. — Quando cheguei e vi, repleto de papel, o armário que montei para guardar os objetos pessoais dos funcionários e a mesa de reunião cheia de bolsas, fui eu que tive um ataque. Ao mesmo tempo, eu ria da situação, porque eles pensavam que a mais organizada era ela. Eu dizia a Marielle que ia chamá-los lá em casa para verem a bagunça que ela fazia.

A porta de seu amplo gabinete estava sempre aberta. Passando pelas mesas dos assessores, chegava-se a uma mesa grande, de reuniões, e à sala de Marielle. De sua janela, a vereadora via a praça Floriano e as duas emblemáticas construções erguidas em seu entorno, além da própria Câmara em que atuava: o Theatro Municipal e a Biblioteca Nacional, na época coberta por uma gigantesca tela devido a uma reforma. Logo na entrada de seu local de trabalho, um aviso mostrava por que Marielle conseguira alçar à posição de vereadora: “Lugar de mulher é onde ela quiser”. Era um gabinete barulhento mas harmonioso, e ela sabia que daquele espaço — formado por mulheres, pertencentes ou simpatizantes da comunidade LGBTQIA+, pessoas negras e lideranças comunitárias — poderiam sair multiplicadores de seu projeto em prol da defesa dos direitos humanos e da igualdade social das minorias.

A vereadora, que tinha fama de ser uma das últimas pessoas a deixar a Casa todas as noites, era carismática e assertiva em suas falas na tribuna. Homofobia e sexismo, por exemplo, temas que envolviam sua agenda parlamentar, levavam-na a manter acaloradas discussões no plenário. Não por acaso conquistara a presidência da Comissão de Defesa da Mulher. Contudo, mesmo estando sempre às voltas com questões espinhosas, como as denúncias que fazia sobre os abusos praticados por policiais militares nas regiões vulneráveis, nunca se soube que ela sofresse ou houvesse sofrido ameaças de morte.

De origem modesta, Marielle Francisco da Silva foi criada na Maré, um complexo de favelas na Zona Norte onde seus pais se instalaram em 1978, logo após o casamento. Sua mãe, a paraibana Marinete da Silva, morava em João Pessoa, mas como o marido, o carioca Antonio Francisco da Silva Neto, o Toinho, trabalhava no comércio de secos e molhados do pai na Maré, o casal partiu para o Rio. Toinho herdaria o pequeno empreendimento, mas ganharia a vida também como pedreiro na construção civil, setor em expansão no Rio de Janeiro daquela década por conta de uma forte especulação imobiliária.

— Teve ano que trabalhei 364 dos 365 dias, só parando no Natal — lembra Toinho, detalhando que as filhas, primeiro Marielle e depois Anielle, nasceram ali mesmo na Maré, com uma diferença de cinco anos entre elas.

Marinete se formou em direito em João Pessoa, e Toinho conta que quando ela fez um curso de especialização numa universidade de Bonsucesso, já na Zona Norte do Rio, estava grávida de Marielle.

— Acredito, inclusive, que essa liderança da minha filha era em função de ela frequentar os bancos universitários ainda na barriga da mãe — diz Toinho, sorrindo. — Ela sempre foi muito estudiosa. Sempre soube o que queria.

Dona Marinete confirma:

— Minha menina sempre gostou de ler. Sempre foi danadinha.

Toinho acrescenta que, depois de formada, sua mulher passou a dar aulas de reforço de português e a primogênita a acompanhava:

— Marielle era uma espécie de estagiária dela. A ideia da mãe sempre foi aproximar as filhas da universidade. Com esforço, Marinete conseguiu formar as meninas. Marielle formou-se em ciências sociais. Ane [Anielle] fez letras, especializando-se em inglês e chegando a morar fora do país.

Dona Marinete detalha que ambas frequentaram excelentes universidades. Marielle estudou na PUC, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e Ane se formou pela Uerj, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E prossegue, com os olhos cheios d'água:

— Marielle se metia em tudo, tinha personalidade forte, aliás, essa é uma característica das mulheres da minha família. Começou tudo muito cedo. Como sempre foi espichada parecia ter mais idade do que realmente tinha.

Aos 19 anos, Marielle daria à luz Luyara Santos, fruto de seu primeiro casamento, com Glauco Santos, um jovem da favela. Era 1998 e a jovem mãe começaria a frequentar a primeira turma do Curso Pré-Vestibular surgido na Maré, uma cria do projeto desenvolvido pelo Ceasm (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), ONG de grande impacto no cotidiano da juventude local. Mais tarde, Marielle teria forte atuação no Ceasm, afinada com os ideais da entidade de valorizar a cidadania, as ações solidárias e o respeito às diferenças. Enquanto se preparava para o vestibular, ajudava no sustento da família fazendo lotada de passageiros em Kombi, o que continuou a fazer ao longo dos anos de faculdade, na qual foi admitida em 2002, com bolsa integral. Nesse mesmo ano separou-se do pai de Luyara. Tenaz e com princípios bem definidos, em pouco tempo tornou-se liderança na favela.

Marielle também trabalhou como camelô, assistente de creche e dançarina de funk. Em 2007 entrou para a ONG BrazilFoundation, integrando a equipe de monitoramento de diversas organizações sociais espalhadas pelo país. Sua dissertação de mestrado em administração pela UFF (Universidade Federal Fluminense) criticaria a política pública adotada em 2008 no Rio de Janeiro pela Secretaria de Segurança, que instituiu nas favelas as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), polícias que buscavam identificar e desarticular as organizações criminosas ali instaladas estabelecendo vínculos com as favelas. Apresentada em 2014, a dissertação defendia a tese de que tal política tinha “o objetivo de conter os insatisfeitos ou ‘excluídos’ do processo, formados por uma quantidade significativa de pobres, cada vez mais colocados nos guetos das cidades e nas prisões”.

Os pais de Marielle estão aposentados, mas a mãe continuou a advogar na área da Previdência após a morte da filha.

— Não há um dia que eu não chore. É muita dor! — diz dona Marinete, que mantém uma espécie de santuário a Nossa Senhora Aparecida num canto da sala do apartamento em que o casal mora, em Bonsucesso.

+++

Motorista vinculado ao aplicativo Uber, Anderson Pedro Gomes, de 39 anos, fora contratado por Marielle havia cerca de um mês, em substituição ao

motorista dela, de licença médica. Naquele que seria seu último dia de vida, Anderson avisara Marielle que chegaria atrasado ao trabalho. Ele precisava entregar de manhã documentos num guichê da companhia aérea TAP, no Aeroporto do Galeão, pois estava pleiteando uma vaga de mecânico de aeronave na empresa. Anderson acalentava o sonho de ser aeronauta, como o pai, já falecido. Morava no Engenho da Rainha, na Zona Norte, com a mulher, Agatha Arnaus Reis, e o filho do casal, Arthur, de 1 ano e 10 meses. Como o menino precisava de atendimento especial devido a um problema congênito e a mãe não tinha horários flexíveis no trabalho, Anderson se desdobrava entre os cuidados com o filho e as corridas de carro, suspensas naquele momento por ter fechado contrato de 90 dias com Marielle.

Naquele 14 de março de 2018, Anderson também estivera ocupado pela manhã pegando emprestado com os familiares dele um colírio para a filha adolescente de Marielle, então com conjuntivite. Havia um surto da doença na cidade e o remédio estava em falta nas farmácias. A mando da mãe, a jovem fora para a casa da avó materna, a fim de evitar contaminar a vereadora. Afinal, havia muito trabalho “na mandata” e não dava para ficar doente. Quando Anderson chegou à Câmara dos Vereadores, naquela tarde, encontrou a vaga de Marielle livre para estacionar seu Chevrolet Agile branco. Monica já tinha ido embora levando o carro da companheira, após almoçar e rabiscar algumas planilhas, e a chefe de gabinete, Fernanda, braço direito da parlamentar, chegara logo depois. Ela relembra:

— Marielle estava atendendo algumas pessoas. O mandato era sempre assim, agitado. Parte da equipe saía mais cedo para arrumar o local do debate na Casa das Pretas e posicionar os equipamentos para os registros e tal.

Espaço coletivo de mulheres negras no número 122 da rua dos Inválidos, na Lapa, Zona Central da cidade, a Casa das Pretas era usada para debates e acolhimento. Naquela noite, Marielle seria a mediadora do tema Jovens Negras Movendo as Estruturas, um evento promovido pelo PSOL.

— Eu [estava] fechando um artigo para o *Jornal do Brasil* — continua Fernanda, referindo-se a um texto escrito por Marielle que ela revisava. — O plenário, naquele dia, tinha “caído” [sido suspenso]. Mas em algum momento houve uma chamada e Marielle desceu, não me recordo exatamente para quê, e a sessão acabou acontecendo. Fiquei batendo o texto.

No fim da tarde, Marielle, Fernanda e mais três funcionários — os assessores Elaine Guimarães, Renata Souza e Jackson — acertaram os últimos detalhes dos projetos que entrariam em pauta ainda naquela semana. Naquele dia Fernanda assumira a chefia do gabinete da parlamentar, função que vinha sendo cumprida por Renata — havia algum tempo Marielle decidira fazer um revezamento anual do cargo entre os assistentes para que todos passassem por essa experiência. Terminada a reunião, Elaine continuou no gabinete, enquanto a vereadora, Renata e Jackson desceram e chegaram à calçada 39 minutos depois do horário em que já deveriam estar no debate, previsto para iniciar às seis. Jackson (apelido do designer gráfico José Roberto Anastácio), que não participaria do evento, foi embora. Nesse momento, chegou o assessor Nelson de Souza Teles, que combinara pegar carona com elas até a Casa das Pretas.

Anderson tirou o veículo da vaga e piscou o farol, sinalizando que encostaria próximo à porta lateral da Câmara. A parlamentar, Renata e Nelson entraram no carro e seguiram para a Lapa, onde só conseguiram desembarcar às sete horas porque o trânsito estava pesado. Responsável pela agenda política da vereadora, Elaine deixou a Câmara às oito da noite e foi para casa.

— Fui a última a sair, tranquei o gabinete — conta Fernanda. — Cheguei a pensar em não ir mais ao debate, pois chegaria lá no fim. Mas tinha um táxi desembarcando uns passageiros na portaria da Câmara, aí entrei e segui para a Lapa. Peguei os últimos 20 minutos do evento.

+++

O debate, transmitido ao vivo pelas redes sociais, seria a última aparição de Marielle em público. Sentada em roda com as participantes, vestindo uma camiseta azul-marinho e uma calça larga, tipo pantalonas, de motivos florais, ela dera início às discussões lembrando seu ingresso na Faculdade de Ciências Sociais da PUC, anos antes. Havia pouquíssimos negros em universidades, menos ainda oriundos de favelas, como Marielle.

— Quando chego à PUC em 2002 — relatou então na Casa das Pretas —, a minha perspectiva vinda de um pré-vestibular comunitário era o da mulher favelada. Quem passou pela Maré sabe do lugar do mareense. A gente

chegava muito mais como aquele corpo que vai ocupar um lugar, usufruir de um ensino de qualidade, que, apesar de não ser público, era meu: o lugar da mulher negra, favelada. Essa [caminhada] é uma construção. Então eu entro no Departamento de Ciências Sociais, que não se apropriou de homens e mulheres negros que passaram pela nossa história.

A socióloga deixava claro que estava ali para mostrar que era possível uma preta, como gostava de se definir, chegar à universidade e alcançar um lugar no Parlamento. E mais: sendo casada com uma mulher e tendo uma filha de um relacionamento heterossexual. Ela enfatizava a palavra “aceitação” quanto à beleza natural da negra — desde a valorização dos cabelos cacheados à ocupação de espaços na política.

— Às mulheres que fortalecem! Quero mais ouvir do que falar. A gente não faz nada sozinho. A todas que constroem esta “mandata” — exclamou, como se brindasse. — O mandato de uma mulher negra, da periferia, precisa estar pautado junto aos movimentos sociais e à sociedade civil organizada, [junto] a quem está fazendo [algo] para nos fortalecer naquilo que a gente, objetivamente, não se reconhece, não se encontra, não se vê. A negação é o que eles apresentam como nosso perfil. Não é à toa que os índices de homicídio, de feminicídio e de estupro contra o nosso corpo, infelizmente, aumentam.

Ao finalizar o encontro, Marielle leu uma frase em inglês e em português da feminista lésbica caribenho-americana Audre Lorde, registrada num caderninho sobre suas pernas. “Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas.” E emendou, com um semblante particularmente iluminado, segundo depoimentos posteriores dos que a ouviam, e sempre com seu sorriso, empurrando a plateia:

— Vamo que vamo, vamo junto ocupar tudo.

Ninguém ali sabia, mas lá fora, estacionado na rua dos Inválidos, a poucos metros da Casa das Pretas, havia um Cobalt prata no qual seus ocupantes aguardavam a vereadora sair da reunião. A película que revestia os vidros de suas janelas era tão escura que os transeuntes não conseguiam ver o interior. Pelo menos por duas horas, tempo do evento, os sujeitos ficaram ali dentro, com o motor desligado, num calor de verão cuja temperatura alcançava uns 33 graus, com sensação térmica bem mais elevada.

É necessário treinamento para manter uma tocaia sem interrupções, conforme os homens no carro faziam naquele momento — e esse foi um dos primeiros indícios que levariam os investigadores a supor que aquela fora uma ação planejada. Planejamento que costuma incluir, por exemplo, recipientes próprios para guardar urina, comumente encontrados em carros abandonados às pressas por pistoleiros de aluguel (infelizmente, ao menos no Brasil, não há histórico de descoberta de DNA por meio desses recipientes).

A placa do Cobalt seria captada por câmeras do tipo OCR (Optical Character Recognition), conhecidas como “radares inteligentes” e usadas para flagrar infrações de trânsito. Pelas imagens se descobriria depois não só de que bairro o veículo havia partido, como o tempo que levaria para chegar à Lapa — esse seria um dos poucos rastros deixados pelos perseguidores de Marielle e Anderson. Mas, no início das investigações, sabia-se somente que o Cobalt passara pela região do Itanhangá, na Zona Oeste, e descera vagarosamente do Alto da Boa Vista até a Lapa. Essa lentidão também encorparia a hipótese da polícia de que se tratava de crime premeditado, provavelmente com alguém na Câmara passando informações aos ocupantes do carro acerca dos passos de Marielle. Nesse caso, como ela se atrasara no gabinete, seus perseguidores teriam sido alertados de que deveriam reduzir a marcha para poderem chegar à Casa das Pretas quase junto com Marielle, a fim de que a tocaia fosse o mais curta possível.

De fato, conforme captado por câmeras particulares instaladas em prédios vizinhos, o Cobalt prata chegou à rua dos Inválidos às 18h45, apenas 15 minutos antes do Agile. Sem vaga para estacionar, o motorista do Cobalt deu uma volta e parou o veículo na entrada de um beco a cerca de 20 metros da Casa das Pretas. Às 19h, Anderson chegou e, por falta de espaço, fez fila dupla com os carros estacionados rente ao meio-fio para que Marielle, Renata e Nelson pudessem desembarcar. Depois que elas desceram, por um triz Anderson não bateu no Cobalt, ao dar a ré para sair do meio da rua. Em seguida, ele foi em frente e aguardou num ponto mais distante uma oportunidade para deslocar seu carro para perto do local do evento.

Às 19h10 surgiu uma vaga em frente à Casa das Pretas, ocupada de imediato pelo Cobalt. Somente às 19h32 Anderson conseguiria uma vaga para o seu Agile, exatamente à frente do Cobalt. Veículo estacionado, ele desembarcou e

andou um pouco pela calçada, caminhando ao lado do Cobalt sem imaginar que ali dentro havia pessoas que o matariam cerca de duas horas depois.

Apesar de estar escuro, uma imagem captada por uma das câmeras da rua mostrando uma luz que parecia vir de dentro do Cobalt — e que seria exibida na mídia à exaustão — faria os investigadores acreditarem que o motorista estaria com um celular ligado minutos antes das execuções. No entanto, a euforia por supostamente terem encontrado uma pista para rastrear se dissipou quando peritos do MPRJ (Ministério Público do Rio de Janeiro) concluíram tratar-se de um reflexo da iluminação da rua no espelho retrovisor da porta do motorista. Outros detalhes observados nas imagens revelariam ainda que o Cobalt 1.4, modelo LS, fabricado entre 2012 e 2015, apresentava acessórios externos diferentes dos originais. Tratava-se, portanto, de um “Frankenstein”, veículo adulterado com peças aleatórias e placa clonada para confundir a polícia. Mais um indício de que o crime fora planejado. E, ao que tudo indicava, por profissionais.

+++

Por volta das nove da noite, Marielle deixou a Casa das Pretas rodeada por participantes do debate. Anderson estava a postos. Enquanto desciam os degraus do prédio, elas iam se despedindo umas das outras, dando paradinhas para trocar número de celular, oferecer ou agradecer carona, combinar coisas. Diálogos típicos de fim de evento.

— [Estávamos] com um gostinho de dever cumprido — relata Fernanda. — Ela estava realmente satisfeita com o nível do debate, com as conexões feitas ali, com a quantidade de mulher preta tocando projetos incríveis sobre e para a mulher preta. E o mais bacana: a maioria ela não conhecia. Uma mulherada fazendo diferença em várias áreas, como cinema, mídia, arte, tecnologia, em vários cantos do mundo, interessadas no mandato, na Marielle.

Fernanda lembra a expressão ansiosa da amiga antes de entrarem no carro de Anderson:

— Falávamos pelo olhar e entendi que ela estava querendo sair logo, cansada, com fome. Passei ao lado dela fazendo aquele papel da assessora chata e a apressei, chamando-a para o carro, onde entrei. Sempre íamos juntas para casa porque éramos vizinhas. Marielle com fome ficava uma fera.

A vereadora abriu a porta da frente do Agile, oposta à do motorista, jogou no banco uma sacola, fechou a porta e foi sentar-se atrás, ao lado de Fernanda. Avisou, brincando:

— Anderson, vou de madame hoje e você de motorista, quero me esticar aqui atrás.

Já ao volante, ele prontamente puxou o banco do carona para a frente, a fim de que ela tivesse mais espaço atrás para as pernas. Mesmo exausta, Marielle tinha pressa em postar nas redes sociais o material fotográfico da Casa das Pretas e voltou-se para Fernanda, afivelando o cinto de segurança:

— Branquela, vamos ver e escolher juntas umas fotos do evento que os meninos mandaram pelo grupo no WhatsApp.

Fernanda, que não afivelou o seu cinto, continua a lembrar:

— Muitas bolsas no meu colo e ainda por cima uma cólica. Estávamos então as duas, cada qual com seu celular, vendo as fotos que tinham acabado de ser feitas. Ao mesmo tempo recebíamos notícias de nossas casas e comentávamos. Minha filha com febre. Monica fazendo o jantar. Parar na padaria poderia ser uma possibilidade, levar pão para a Monica. O jogo do Flamengo ia começar. Fazíamos tudo ao mesmo tempo sem tirar a cara do celular. Estávamos ombro a ombro.

Anderson ligou o carro e saiu devagar, sem perceber que o Cobalt, atrás de si, também dava a partida. No banco de trás, as duas comadres conversavam sobre a pauta da reunião marcada para a manhã do dia seguinte na sede do PSOL, na Lapa. Entre um assunto e outro, Marielle falava baixinho sobre a sua ansiedade de que o processo de escolha pelo partido dos pré-candidatos às eleições gerais, a serem realizadas em outubro daquele 2018, se oficializasse logo. No pleito seriam disputados os cargos de presidente da República, governadores, senadores (dois terços do total) e deputados, estaduais e federais.

— Naquela noite, no carro, nós conversávamos sobre as futuras eleições justamente naqueles últimos minutos juntas, enquanto olhávamos fotos do encontro de onde acabáramos de sair. Falávamos da reunião do dia seguinte, quando Marielle apresentaria o nome de Monica Francisco como pré-candidata a deputada estadual. Nessa reunião, o nome de Marielle provavelmente seria confirmado como o da [candidata a] vice-governadora de Tarcísio Motta, para que então Chico Alencar avançasse como [candidato a] senador.

Fernanda referia-se à socióloga Monica Francisco, assessora da vereadora responsável pelas questões relacionadas a favelas, ao vereador Tarcísio Motta, que o PSOL lançaria como candidato ao governo do estado, e ao deputado federal Chico Alencar, que poderia vir a disputar uma vaga no Senado Federal pela legenda. Por meses o nome de Marielle figurara como possível candidata ao Senado, conforme relata Fernanda:

— Uma reivindicação legítima de muitos setores, principalmente dos feministas. Naquele momento, naquelas últimas palavras da Mari comigo, falávamos com empolgação de Monica Francisco. Estávamos felizes porque ela havia topado o desafio [de tentar uma cadeira de deputada pelo Rio de Janeiro].

Ainda assim, o assunto era desgastante para Marielle, pois implicava mil conversas, mil reuniões e muita suscetibilidade. Fernanda achou que Marielle parecia aliviada com a decisão do comando do PSOL de anunciar na reunião do dia seguinte a solução encontrada para o quebra-cabeça que se formara dentro do partido por causa das eleições. Com as candidaturas definidas, o gabinete poderia concentrar a atenção em vários pontos do mandato, que estava a todo o vapor.

— Eu não poderia ir à reunião, teria de finalizar um relatório urgente da Comissão de Defesa da Mulher — recorda-se Fernanda. — Por isso no grupo de zap [WhatsApp] da coordenação Marielle perguntava quem poderia estar às dez horas com ela no partido. Olhei para fora, naquele movimento automático de me localizar no tempo e no espaço e mandar um zap para casa dizendo: “Chego em dez minutos.” Estávamos nos aproximando do largo do Estácio. Mari esboçou um som. Como se estivesse lendo algo interessante no celular ou vendo algo, talvez. Nada alarmante. Um “ué”.

+++

Cerca de três quilômetros separavam a Casa das Pretas do ponto do ataque, no largo do Estácio. Súbito, o Cobalt que vinha atrás do Agile branco investiu contra ele, imprensando-o numa curva da rua Joaquim Palhares, quase na rua João Paulo I, em frente a uma das saídas da estação Estácio do metrô.

— Uma rajada. Uma única rajada de um segundo. Os vidros explodindo e os estilhaços vindo num jato. Como se uma onda gigantesca de vidro tivesse se

quebrado do meu lado. Me enrolei e abaixei num movimento imediato, como um caracol, junto às pernas de Marielle. Um silêncio absoluto, interrompido por um “ai” do Anderson. Meu corpo queimava como se tivesse sido açoitado por mil chicotes de uma vez. Vi os braços de Anderson se soltarem do volante. Ao perceber o carro ainda em movimento, puxei o freio de mão, tentei puxar a perna dele do acelerador, segurei o volante, até que o carro parou. Ouvi o barulho do destravamento das portas, abri a minha e saí rastejando [para fora do carro]. As bolsas que estavam no meu colo caíram na calçada.

Atordoada, a assessora imaginava que tivessem atravessado um tiroteio ou passado por uma falsa blitz, o que não é raro no Rio de Janeiro. Mas essa percepção se desfez quando ela se deu conta de que não se ouviam mais disparos:

— Olhei por baixo da porta, olhei para a frente e olhei para trás, e estava tudo normal. Um grupo do outro lado da rua foi se aproximando, perguntando se aquele barulho tinha sido de tiro. Tinha uma moça com um bebê no colo acompanhada de mais duas crianças. Eu pedi que chamassem a ambulância, não achava meu celular entre as bolsas no chão. Uma outra moça veio me ajudar [uma assistente social do abrigo de menores ali perto, se saberia depois], preocupada com tanto sangue no meu corpo. Assim que ela fez contato com os bombeiros, eu falei que se tratava de uma vereadora no carro na tentativa de conseguir mais agilidade. Mas, ao soltar essa informação, os curiosos começaram a tirar fotos e filmar. Vi meu celular piscando no chão do carro. Peguei, liguei para o meu marido e para o Arlei [Arlei de Lourival Assucena, funcionário do gabinete]. Naquele momento ainda acreditava que Marielle e Anderson pudessem estar só machucados e eu chamava por eles para mantê-los conscientes. Dizia que a ambulância estava chegando e pedia que não falassem nada. Era uma fala estéril, acho que eu sabia disso. Mas eu não conseguia admitir.

A PM (Polícia Militar) foi acionada por telefone pelo educador Luis Carlos Martins da Silva, que trabalhava na Unidade Municipal de Reinserção Social Dom Hélder Câmara, o abrigo de menores quase em frente ao local da emboscada, e escutara os disparos. A PM foi acionada também pela moça que estava com um bebê e duas crianças. A chefe de gabinete de Marielle lembra-se bem da chegada deles à cena do crime:

— Não me deram bom-dia, boa-tarde ou boa-noite. Espantaram as pessoas que estavam ao meu lado, olharam a cena e passaram um rádio ou ligaram para alguma Central. Eu só ouvi o policial informando ao interlocutor: “São dois mortos e uma sobrevivente.” Senti meu coração ficar gelado e, ao mesmo tempo, minha cabeça ferver. Fiz muita força mental para me manter lúcida e raciocinando.

A partir dali viriam as perguntas: “Você estava dentro do carro? Foi um assalto? Viu alguma coisa?” Fernanda estava perplexa.

— Eu só havia ouvido uma rajada. Não vi absolutamente nada. Não empenharam muito cuidado para falar comigo, a não ser uma policial que chegou pouco depois e foi mais gentil. Passaram por ali algumas viaturas assuntando e, finalmente, chegou a ambulância [do Corpo de Bombeiros]. Tentaram me convencer a entrar nela, mas eu estava sozinha e não queria deixar a Marielle e o Anderson. Eles mostravam preocupação com o meu estado e a quantidade de sangue no meu corpo, mas eu já tinha me apalrado e sabia que não estava ferida, a não ser por estilhaços. O sangue em mim era, na verdade, da Marielle. Me mantive ao lado do carro até chegar alguém conhecido, que foi o Jackson, um dos coordenadores do mandato.

Fernanda recorda-se que Jackson, que estivera com Marielle na Câmara cerca de duas horas e meia antes, fora avisado por Arlei, que pensava tratar-se de um acidente de carro. Jackson confirma que, após a ligação do colega, dirigiu-se imediatamente para o Estácio e, ao chegar lá, minutos depois, deparou-se com a tragédia:

— Quando virei na João Paulo I, vi um carro branco uns 100 metros à frente, ao lado de uma Patamo da polícia. Só sabia que o carro usado pela Mari era branco. Saltei do táxi, que parou quase na mesma direção do veículo onde ela estava. Quando consegui dar uma espiada, eu vi a Mari ali. Havia muito sangue. Ela podia estar desmaiada. Não havia amassados no carro. Perguntei se havia feridos. O policial respondeu que não. Todos mortos. Os peritos chegaram e a ficha só caiu quando vi que não havia chances de estarem vivos.

Jackson conta que tentou acalmar Fernanda, sentada no meio-fio da calçada. Ela estava transtornada e insistia em ver Marielle e Anderson. Não acreditava que tivessem morrido. Mesmo nervoso, ele conseguiu convencer

a assessora parlamentar, que começava a entrar em estado de choque, a ser avaliada pelos paramédicos. Foi quando ela avistou o marido, Marcelo Salles, que descia de um táxi e caminhava em sua direção. Fernanda lembra:

— Saímos da ambulância sem que as muitas pessoas que já haviam chegado nesse íterim percebessem. E fui para casa no mesmo táxi que tinha levado meu marido para lá.

Falando com outros assessores, Jackson constatou que nenhum deles tinha a menor dúvida de que havia sido uma execução sumária.

— Eu fiquei ali até tudo acabar, como uma espécie de guardião — relata ele, acrescentando que precisava se concentrar na difícil tarefa de avisar os familiares de Marielle e Anderson antes que eles soubessem do atentado pela mídia.

+++

Para poder ir ao encontro de Fernanda, seu marido tivera de deixar no apartamento de uma vizinha a filha pequena, a quem disse que a mãe sofrera um acidente bobo de carro com Marielle e Anderson e ele precisava ajudá-los. Assim, ao sair do Estácio e chegar em casa, enquanto Fernanda se preparava para tomar um banho e se ajeitar, pois não queria que a filha a visse com a roupa manchada de sangue, Marcelo foi pegar a menina na vizinha, que morava no mesmo prédio. Antes de entrar no banheiro, Fernanda tomou um calmante. Tentava raciocinar.

— A água quente, o sangue passando por minutos infindáveis pelo ralo. Meu corpo tinha microfuros e eu tomava cuidado para não me cortar com aquela areia de vidro que escorria junto com a água e o sangue. Ao entranhar meus dedos no cabelo [achei] um pedaço de cápsula, ou um estilhaço de bala, não sei o nome. Saí do banho com aquele pedaço de metal na mão.

Pouco depois, acompanhado do ouvidor da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, Pedro Strozenberg, Jackson bateu na casa de Fernanda a fim de avisá-la que ela fora intimada a comparecer na DH (Delegacia de Homicídios da Capital), na Barra da Tijuca, ainda naquela madrugada, para prestar depoimento. Amigo de Fernanda e Marielle, Strozenberg correrá até o local da emboscada ao saber do que acontecera para, na condição de defensor público, prestar apoio jurídico a Fernanda. O marido não queria deixá-la ir

à DH devido às condições emocionais em que ela se encontrava, mas a assessora preferiu seguir com os amigos a fim de cumprir essa etapa de uma vez.

Antes de saírem Fernanda comentou que não entendia por que Marielle e Anderson estavam mortos, enquanto ela ficara apenas com machucados superficiais. Strozenberg e Jackson contaram então que, pelas conversas ouvidas na cena do crime, foram disparados muitos tiros na direção deles, não havia chance de sobreviverem.

— Voltei a tremer. Ainda abracei minha filha, que estava preocupada com meus “machucadinhos”. Para ela, dissemos que Marielle estava no hospital se cuidando do acidente de carro e que eu explicaria o que houve aos policiais. Pedi a ela que fosse dormir com o pai. Ela me disse que ia rezar para a “tia Mari ficar boa logo”.

A essa altura, o Agile alvejado atraía cada vez mais curiosos, jornalistas e políticos, avisados do atentado por mensagens em aplicativos de celular. Colegas de Parlamento que saíam de uma reunião com o prefeito Marcelo Crivella na sede da prefeitura, a cerca de 700 metros dali, se dirigiram para o local. Muita gente chegava, mas as testemunhas já tinham ido embora. A moça que chamara a Polícia Militar, por exemplo, ficara com medo de se expor. Orientada pelo marido por celular a não se meter num caso “tão cabeludo”, ela ainda resistiu até o momento em que um policial militar lhe perguntou se ela não tinha mais o que fazer em casa para estar com três crianças tão tarde na rua.

De acordo com a perícia da DH realizada *in loco*, Marielle fora atingida por quatro balas na cabeça disparadas em sequência, provocando uma perfuração abaixo da outra. Alguns dos disparos, em diagonal, acabaram acertando Anderson. Ao todo seriam encontradas nove cápsulas de projéteis no local do crime. Os peritos constataram que o ponto escolhido para o ataque não fora casual. Fora estratégico. Além de, após as nove da noite, a estação do metrô estar quase deserta (poucos praticantes de corrida ficavam dentro do espaço, gradeado pela concessionária MetrôRio), a iluminação na região era precária e a câmera de monitoramento de veículos da prefeitura naquele ponto estava quebrada. Aqueles equipamentos eram um legado das Olimpíadas de 2016 e estavam sem manutenção desde que o contrato com os organizadores dos Jogos expirara. E mais: repórteres de TV e de jornais descobririam depois

que, das 11 câmeras que cobriam o trajeto da vereadora da Casa das Pretas até ali, apenas cinco estiveram ligadas naquela noite. Mas sem resolução de imagem, já que eram destinadas a mero monitoramento do trânsito.

Também chamaria a atenção a munição escolhida, de calibre 9 mm, pertencente ao lote UZZ-18, comprado em 2006 pela PF (Polícia Federal) de Brasília da CBC (Companhia Brasileira de Cartuchos). O lote continha 1,859 milhão de cápsulas que foram distribuídas, no ano seguinte, para as 27 superintendências e delegacias do país. Como o Rio sediaria os Jogos Pan-Americanos de 2007, o estado recebeu 200 mil balas. Foi a segunda unidade a receber mais munição, ficando atrás apenas de São Paulo, para onde foram enviados 217 mil cartuchos.

Balas desviadas desse lote já haviam sido empregadas em outras ações criminosas, como uma chacina em São Paulo em 2015, com um saldo total de 18 mortos e vários feridos. No mesmo ano, mais quatro pessoas seriam assassinadas com balas do tipo UZZ-18: duas em Itaipu, na Região Oceânica de Niterói, e outras duas no município de São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio. Em 2017, ainda em São Gonçalo, 16 projéteis daquele lote foram encontrados em uma cena de homicídio. Também foram registradas execuções com munição UZZ-18 no Morro do Fubá, em Campinho, na Zona Norte do Rio, área de milicianos e traficantes, não apenas em 2017, mas também em 2014. Assim, o emprego generalizado dessas balas por organizações criminosas diversas não facilitou uma conexão com os possíveis autores do assassinato de Marielle e Anderson.

+++

Acompanhada de seu advogado, Fernando Mattos, do defensor público Pedro Strozenberg e da advogada Laíze Gabriela Benevides Pinheiro, da Comissão de Direitos Humanos da Alerj (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro), Fernanda foi ouvida na DH da Capital às 3h55 de quinta-feira, cerca de sete horas após os assassinatos. Com a emoção contida, fez um relato sucinto, já que a ideia era sair dali o mais rápido possível. Ela era a principal testemunha do crime e corria perigo, embora não tenha visto quem atirou. Ali mesmo na DH ela recebeu autorização para sair do país, o que fez de imediato.

Somente três meses depois ela desabafaria, postando a seguinte mensagem para os amigos nas redes sociais: “Tenho recebido a preocupação de amigos. O silêncio por aqui, mais do que um momento de reclusão e recuperação, é (e principalmente) uma recomendação de segurança. ‘Sair do país, ausentar-se das redes, evitar interagir remotamente e não divulgar a localização’ são as premissas desse protocolo que tentamos seguir no último período. Não participar dos rituais de despedida de Marielle e estar longe das manifestações que se seguiram só não foi pior do que a noite de 14 de março. Ela foi arrancada de mim e eu fui arrancada do mundo dela. E os rituais tiveram que se dar solitariamente, aos poucos e de longe. E assim, respirando fundo, vamos seguindo a cada dia, com a ajuda de amigos, em terras distantes e acolhidos por quem também conhece a luta. E já está há muito nas trincheiras por justiça e direitos neste mundão. É com essa cicatriz enorme que tenho vivido.”

Na noite de 14 de março de 2018, a vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes foram mortos a tiros no Estácio, zona central da cidade do Rio de Janeiro. Liderança nascida e criada na favela, a quinta vereadora com mais votos no pleito em que foi eleita, Marielle era ao mesmo tempo assertiva e carismática em seus posicionamentos, fosse na defesa de moradores de áreas dominadas por milícias, fosse nas reivindicações ligadas às comunidades LGBTQIA+. Seu assassinato se tornou emblemático não somente por ser um claro ataque à democracia e às bandeiras defendidas pela parlamentar, mas também por ter marcado um novo patamar de atuação da criminalidade na cidade.

Mesmo sem dar uma resposta definitiva ao caso, as diversas linhas de investigação tomaram as manchetes dos jornais, foram amplamente discutidas nas redes sociais e colocaram holofotes sobre a estrutura do crime organizado carioca, suas áreas de atuação e práticas. Em meio aos debates sobre a federalização das investigações, o legado político de Marielle e a pressão da opinião pública por respostas, tornou-se cada vez mais clara a onipresença das organizações criminosas na cidade, suas redes internas e elos externos.

Jornalistas investigativos dedicados ao caso Marielle e Anderson desde o início, Chico Otavio e Vera Araújo mostram como o caso foi determinante para escancarar a atuação do crime na capital fluminense. Repórteres experientes e testemunhas de longa data de várias investigações policiais na capital, Chico e Vera esmiuçaram a rede que movimentava o submundo carioca e seus múltiplos agentes. Traficantes, milicianos, torturadores egressos dos porões da ditadura, ex-policiais altamente treinados assumindo o papel de assassinos de aluguel, bicheiros e as disputas travadas entre eles estão por toda parte e povoam as páginas de *Mataram Marielle*.

SAIBA MAIS EM:

www.intrinseca.com.br/livro/1007